

A CRISE DA VERDADE NA ERA DIGITAL a ascensão da “antiesfera pública” nas redes sociais

Edilson Vilaço Lima

Universidade Federal do Maranhão

ev.lima@ufma.br

Resumo

Este trabalho analisa a erosão da verdade e a ascensão de uma “antiesfera pública” nas redes sociais, utilizando as teorias de Jürgen Habermas e Hannah Arendt. Partindo da constituição da esfera pública burguesa, o estudo investiga como as plataformas digitais impactam a formação da opinião pública e a construção da verdade. Com base na teoria da ação comunicativa de Habermas, examina-se a fragmentação da esfera pública digital, onde a deliberação racional e o consenso são prejudicados pela proliferação de informações falsas, polarização ideológica e personalização algorítmica. A análise de Arendt sobre o espaço público como local de ação e debate político é utilizada para discutir a perda de centralidade da esfera pública tradicional e a ascensão de uma “antiesfera pública” nas redes sociais, caracterizada por desinformação, incivilidade e ódio. O trabalho aborda características das redes sociais, como a velocidade da informação, desintermediação, curadoria algorítmica e cultura do compartilhamento, e seus impactos na opinião pública, como a disseminação de fake news, radicalização, bolhas de filtro e a emergência da pós-verdade. Essa dinâmica resulta na erosão da verdade, perda de confiança nas instituições, crise da democracia e desafios para o jornalismo e a educação. À luz de Habermas e Arendt, o texto critica a esfera pública digital, defendendo a razão, o diálogo e a ação política como caminhos para a reconstrução da verdade.

Palavras-chave: Esfera pública. Redes sociais. Desinformação.



Esta obra está licenciada sob uma licença

Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0).

1 INTRODUÇÃO

O filme Matrix (1999) revolucionou a cultura pop, explorando a natureza da realidade através de uma mistura da alegoria da caverna de Platão com elementos de vídeo game. A trama, que apresenta um mundo simulado por máquinas, gerou um frenesi gigantesco, questionando a distinção entre o real e o virtual. Como Morpheus afirma, "o que é real? [...] simplesmente um sinal elétrico interpretado pelo seu cérebro" (Irvin, 2005, p.143). Essa ideia é paralela ao romance distópico Neuromancer (1984), de William Gibson, que introduziu conceitos como "*cyberspace*" e "*jack*", antecipando elementos explorados em Matrix. Ambas as obras criam um ambiente digital complexo, onde a realidade e a ficção se misturam, levantando questões sobre identidade, consciência e existência. A matrix em ambos os casos é um espaço de poder e controle, onde informações são manipuladas e a verdade é distorcida, tornando imperceptível o verdadeiro do falso, assim como nas nossas redes sociais atuais.

Na era digital atual, a fronteira entre realidade e simulação se torna cada vez mais tênue. O avanço das mídias de comunicação e das redes sociais criou novos comportamentos e relacionamentos, transformando receptores em produtores de conteúdo. Nesse contexto, emerge uma "antiesfera pública" nas profundezas das redes sociais, alimentada por algoritmos e interesses econômicos. Essa esfera distorce a verdade e manipula opiniões, replicando a dinâmica de poder e controle presente em Matrix e Neuromancer. Assim como na matrix dessas obras, as informações são manipuladas e a verdade é distorcida, ameaçando a democracia e a sociedade. Este artigo investiga a ascensão dessa "antiesfera pública" e suas implicações para a crise da verdade, analisando estratégias de manipulação da informação nas redes sociais e seus impactos na sociedade contemporânea.

As aparências da pós-verdade e das fake News, intensificadas pelo avanço dessas tecnologias da informação e das redes sociais, afetam profundamente todos os aspectos da

vida social, tanto públicas quanto privadas¹. O bombardeio constante de informações atinge bilhões de usuários, criando um ecossistema que dilui a separação entre público e privado criando uma distopia particular para milhões de atores que produzem conteúdos digitais todos os dias sem filtro e sem ética. Essa nova realidade fragmentada dessa nova esfera pública, consolidando a colonização do mundo da vida pelo sistema “(...) a conclusão de Habermas: só quem diferencia sistema e mundo da vida pode compreender as patologias da Modernidade” (Schaffer, 2017, p.57).

O clássico romance distópico 1984, de George Orwell, publicado no mesmo ano que Neuromancer (1984), oferece uma visão inquietante que ecoa na atualidade. Em sua obra, Orwell descreve um sistema totalitário controlado pelo Grande Irmão, onde o Ministério da Verdade manipula informações para controlar a narrativa e apagar ou modificar fatos históricos. Essa profecia agora se torna realidade em nossa era digital, onde a verdade é constantemente ameaçada pela manipulação da informação e falta de ética nas redes sociais e mídias digitais. Como Orwell afirmou, *"não se reconstruir o passado, mas fornecer aos cidadãos de Oceania jornais, filmes, livros escolares, programas de teletela, peças, romances - com todas as informações concebíveis, instruções ou entretenimento"* (Orwell, p.54). Essa dinâmica é exacerbada pelo que Habermas chama de "colonização" do mundo da vida pelo sistema, onde lógicas de lucro e eficiência invadem as esferas cotidianas, monetizando

¹ Quase 90% da população brasileira admite ter acreditado em conteúdos falsos. É o que revela uma pesquisa do Instituto Locomotiva e obtida com exclusividade pela Agência Brasil. Segundo o levantamento, oito em cada dez brasileiros já deu credibilidade a fake news. Mesmo assim, 62% confiam na própria capacidade de diferenciar informações falsas e verdadeiras em um conteúdo. Sobre o conteúdo das notícias falsas que acreditaram, 64% era sobre venda de produtos, 63% diziam respeito a propostas em campanhas eleitorais, 62% tratavam, de políticas públicas, como vacinação, e 62% falavam de escândalos envolvendo políticos. Há ainda 57% que afirmaram que acreditaram em conteúdos mentirosos sobre economia e 51% em notícias falsas envolvendo segurança pública e sistema penitenciário. O instituto ouviu 1.032 pessoas com 18 anos de idade ou mais entre os dias 15 e 20 de fevereiro. Na opinião de 65% dos entrevistados, as notícias falsas são distribuídas com a ajuda de robôs e inteligência artificial. A cada dez pessoas, oito reconhecem que há grupos e pessoas pagas para produção e disseminação de notícias falsas. O maior risco da desinformação para 26% da população é a eleição de maus políticos, enquanto 22% acreditam que o perigo maior é atingir a reputação de alguém e 16% avaliam como maior problema a possibilidade de causar medo na população em relação a própria segurança. Há ainda 12% que veem como maior risco prejudicar os cuidados com a saúde. Quase 90% dos brasileiros admitem ter acreditado em fake news. Disponível: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-04/quase-90-dos-brasileiros-admitem-ter-acreditado-em-fake-news>

relações sociais e culturais. Nesse contexto, o sistema opera objetivamente por meio de subsistemas interdependentes, cada um com suas próprias regras para manter o equilíbrio social, mas atuando cada vez mais isoladamente.

O mundo da vida constitui, pois, de certa forma, o lugar transcendental em que os falantes e ouvintes se encontram; onde podem levantar, uns em relação aos outros, a pretensão de que suas exteriorizações condizem com o mundo objetivo, social ou subjetivo; e onde podem criticar e confirmar tais pretensões de validade, resolver seu dissenso e obter consenso (Habermas, 2012, v. 2, p. 231).

Os atores sociais tornam-se produtores, diretores e editores de narrativas próprias e personalistas, conferindo à colonização do mundo da vida à um caráter imperialista ou neoliberal, atuando ao bel-prazer de uma moda ou novidade cognoscitiva disfarçada de progresso, um admirável mundo novo distópico desmedido e polarizado politicamente e enfraquecido eticamente. Esse sistema descentralizado, com “caráter horizontal (*Plattformcharakter*), ao lado da esfera pública editada (*redaktionellen Öffentlichkeit*), cria um espaço de comunicação onde leitores, ouvintes e espectadores podem assumir espontaneamente o papel de autores” (Habermas, 2022, p. 29).

No contexto atual das redes sociais, esse conceito pode ser estendido ao de “ecossistema” de plataformas on line; plataformas como Facebook, Instagram e Twitter (X), que funcionam como sistemas interdependentes na internet que buscam manter seu equilíbrio pela adequação de meios a fins são exemplos de ecossistemas em rede que atuam em todo mundo mas querem se tornar independentes em relação as regulações dos países atuantes, como uma espécie de piratas digitais que não respeitam os limites dos países². Esses ambientes aplicam algoritmos e estratégias para garantir o engajamento dos usuários, garantindo sua relevância e lucratividade monetizando sua participação nas redes. Assim como os subsistemas sociais de Habermas, cada plataforma de rede social tem sua própria

² A suspensão da plataforma X (antigo Twitter) no Brasil foi um bloqueio temporário da rede social em território nacional, determinado pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

A decisão do STF ocorreu após a plataforma se recusar a cumprir algumas ordens judiciais, como a nomeação de um representante legal no Brasil e o bloqueio de determinadas contas. A suspensão visava garantir o cumprimento da legislação brasileira e o respeito às decisões do Poder Judiciário.

Principais motivos para a suspensão:

Descumprimento de ordens judiciais: A plataforma não atendeu a diversas solicitações do STF, como a nomeação de um representante legal no Brasil e o bloqueio de contas que disseminavam informações falsas ou incitavam à violência.

Preocupações com a disseminação de fake news e discurso de ódio: A plataforma X tem sido alvo de críticas por permitir a disseminação de informações falsas e discursos de ódio, o que pode ter influenciado a decisão do STF.

Questão de soberania nacional: A decisão do STF também foi interpretada como uma forma de afirmar a soberania nacional e garantir que as empresas que atuam no Brasil respeitem as leis do país. (GRIFO NOSSO).

arquitetura e mecânica interna (como algoritmos de recomendação, publicidade direcionada e moderação de conteúdo), essenciais para o equilíbrio e crescimento dessas plataformas.

O século XX deixou como herança um sistema de instituições baseadas em regras e em evolução gradual; e uma hierarquia de conhecimento e autoridade, em que entidades representativas interagem com o estado de acordo com protocolos comprovados. Hoje essa estrutura está sendo desafiada por uma malha de redes vinculadas não por laços institucionais, mas pelo poder viral da mídia social, do ciberespaço e dos sites, que se deleitam em sua repugnância em relação à grande mídia (D'ancona, 2018, p. 63).

A visão de Habermas sobre a sociologia sistêmica foi influenciada por Niklas Luhmann e Talcott Parsons, que apresentam perspectivas distintas sobre o conceito de sistema. Luhmann (1995) entende o sistema como uma rede *autopoieticamente* capaz de se reproduzir, composta por elementos interdependentes organizados em torno de objetivos comuns, enquanto Parsons defende que o sistema é um todo organizado com metas gerais, que deve se adaptar ao ambiente e manter a estabilidade. Essas ideias são complementadas por Manuel Castells (2002, p. 41), que afirma que *"os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos"* e que a cultura dos produtores molda o meio. A integração da teoria da ação e da teoria dos sistemas, proposta por Parsons e adotada por Habermas, é evidente no ecossistema das redes sociais, onde as ações individuais (*posts, feeds, interações, compartilhamentos*) são moldadas pelos ecossistemas tecnológicos e, simultaneamente, reforçam a lógica interna das plataformas, demonstrando como os sistemas sociais e tecnológicos estão intrinsecamente relacionados.

Para entender a relação entre redes sociais e o conceito de “mundo da vida” de Jürgen Habermas, é importante primeiro compreender o que ele quer dizer com “mundo da vida” (*Lebenswelt*). Este conceito refere-se ao conjunto de contextos culturais, sociais e históricos que formam o panorama de fundo das interações humanas cotidianas. É o espaço onde a comunicação e a compreensão mútua ocorrem naturalmente, sem a necessidade de mediação ou intervenção sistêmica. Podemos observar na tabela abaixo como os elementos das redes sociais invadem e influenciam o mundo da vida:

CARACTERÍSTICAS DO MUNDO DA VIDA	REDES SOCIAIS E O MUNDO DA VIDA
Dado Incontestável: O mundo da vida é o pano de fundo tácito e compartilhado que não é questionado nas interações diárias. Ele fornece o contexto necessário para que a comunicação ocorra de forma fluida.	Ampliação do Alcance: As redes sociais expandem o alcance do mundo da vida ao conectar indivíduos de diferentes contextos culturais e sociais. Isso pode enriquecer o mundo da vida ao introduzir novas perspectivas, mas também pode gerar sobrecarga quando normas e conhecimentos indiscutíveis são desafiados.
Conhecimento Indiscutível: Certas formas de	Espaço para Dissenso: Ao contrário do mundo da

conhecimento e normas são aceitas sem questionamento, permitindo que as interações sociais ocorram sem a necessidade de renegociação constante. Ex: a Terra é redonda.	vida tradicional, as redes sociais frequentemente se tornam espaços de dissenso, onde as normas e conhecimentos antes indiscutíveis são questionados e debatidos. Isso pode levar a uma maior conscientização e evolução cultural, mas também a conflitos e polarização.
Contexto Inesgotável: O mundo da vida é dinâmico e em constante mudança, refletindo a natureza sempre mutável das situações sociais e culturais	Mudança e Contexto: As redes sociais refletem a característica de mudança constante do mundo da vida, mas em um ritmo muito mais acelerado. As tendências, normas e contextos podem mudar rapidamente, exigindo uma adaptação contínua dos indivíduos.
Colonização do Mundo da Vida : Um dos riscos que Habermas aponta é a "colonização" do mundo da vida por sistemas. Nas redes sociais, isso pode ocorrer quando algoritmos e interesses comerciais moldam as interações, priorizando certos conteúdos e influenciando a percepção e o comportamento dos usuários.	

As teorias sobre a esfera pública e os sistemas encontram ressonância nos desafios contemporâneos, como a disseminação de fake news, que transformou a esfera pública em uma "anti-esfera pública". As redes sociais, inicialmente vistas como um espaço privado para poucos, tornaram-se um ciberespaço de trocas culturais e experiências imediatas, conectando pessoas *WorldWide* em frações de segundos. No entanto, essas plataformas também introduzem regras algorítmicas e comerciais que influenciam a forma como o mundo da vida é experimentado. Habermas distingue entre o mundo da vida e os sistemas, como economia e política, que operam com base em regras específicas. As redes sociais podem ser vistas como sistemas que medeiam a comunicação, expandindo e desafiando contextos de comunicação, mas também correm o risco de colonizar o mundo da vida. Como Arendt afirma, "a esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros" (Arendt, 2012, p.51). As redes sociais desafiam essa ideia, potencialmente transfigurando a esfera pública e suas dinâmicas sociais.

Observa-se que esse novo *modus operandi* do cidadão comum influenciado pelas redes sociais ajuda a sedimentar eleições e plebiscitos por todo o globo, colocando em risco o sistema democrático de vários países³ – vide as eleições dos EUA (2016/20) e Reino Unido

³ Pelo mundo todo, ondas de populismo e fundamentalismo estão fazendo com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate sensato, corroendo as instituições democráticas e trocando os especialistas pela sabedoria das multidões. Alegações falsas sobre as relações financeiras do Reino Unido com a União Europeia (em anúncios da campanha do partido *Vote Leave* num ônibus)⁶ ajudaram a mudar a votação em favor do Brexit; e a Rússia intensificou a propagação da sua *dezinformatsiya* durante as campanhas eleitorais na França, na Alemanha, na Holanda e em outros países, em esforços orquestrados de propaganda para desacreditar e desestabilizar democracias (Kakutani, 2018, p.95).

(BREXIT-2016) e Brasil (2018/22⁴), desembocando em efeitos negativos a serviço de ideologias neoliberais e tecnocratas que buscam confundir a percepção das pessoas através das tecnologias da informação. O período compreendido entre 2016 e 2023 testemunhou um aumento⁵ exponencial no uso de mídias sociais, conforme evidenciado pelos dados da *Data Reportal*⁶, que indicam uma duplicação no número de usuários globais. Este fenômeno de imersão digital profunda exerceu uma influência significativa na percepção do mundo pelos indivíduos.

Nos Estados Unidos, o site *PolitiFact* de checagem de informações e ganhador do Prêmio Pulitzer avaliou que 69% das declarações de Donald Trump eram “predominantemente falsas”. Elegeu-se. No Reino Unido, a saída da Grã-Bretanha da União Europeia (*Brexit*) decorreu da máquina de simplificações intelectuais e ressonâncias emocionais. Afirmou-se que o custo semanal para ficar na UE era de R\$ 350 milhões de euros. Carreados ao Serviço Nacional de Saúde subsidiariam os médicos e enfermeiros, em vez de encher os bolsos da burocracia de Bruxelas (sede de instituições). Segundo Matthew D’Ancona, “foi a política da pós-verdade em estado puro: o triunfo do visceral sobre o racional, do enganosamente simples sobre o honestamente complexo”⁷.

O estudo *"Who shares misinformation on social media? A meta-analysis of individual traits related to misinformation sharing"* de Sun e Xie (2024) oferece uma análise abrangente sobre as características individuais que influenciam o compartilhamento de desinformação nas redes sociais. Analisando 60 artigos científicos publicados entre 2011-2023, os autores concluem que fatores psicológicos têm maior influência no compartilhamento de desinformação do que traços de personalidade e características demográficas, com a cultura e intencionalidade do compartilhamento moderando os efeitos. Essas descobertas têm implicações importantes para desenvolver estratégias contra a disseminação de

7

⁴ O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) recebeu ao longo do segundo turno mais de 500 alertas diários de fake news relacionadas à eleição. Os 11 primeiros dias da retomada da campanha concentraram quase a metade dos alertas de fake news. Foram registradas 5.869 comunicações. Ao todo, o TSE repassou para análise das redes sociais na campanha deste ano 12.573 casos com suspeita de desinformação, o que representa um crescimento de 1.671% em comparação com as eleições municipais de 2020, quando foram registrados 752 encaminhamentos (Disponível: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/20/tse-recebe-mais-de-500-alertas-diarios-de-fake-news-no-segundo-turno-das-eleicoes.ghtml>).

⁵ Dados sobre o uso de redes sociais em 2024: globalmente, há 5,04 bilhões de usuários (62,3% da população mundial); no Brasil, 171,5 milhões de usuários (79,1% da população), com média de uso diário de 3h49min. As plataformas mais populares no país são WhatsApp, Instagram e Facebook. DATAREPORTAL. Digital 2024: Global Overview Report. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em: 24/06/2024. WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE. Digital 2024: Brazil. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 24/06/24,

⁶ **DataReportal** é uma plataforma online que oferece uma vasta quantidade de dados e relatórios sobre o uso da internet em todo o mundo. É como uma enciclopédia digital que te ajuda a entender o comportamento das pessoas online, as tendências do mercado digital e as estatísticas mais recentes sobre diversos tópicos relacionados à internet Disponível: <https://datareportal.com/>. Acesso em: 06 jun. 2024.

⁷ **Fundação Perseu Abramo**, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2022/11/29/a-era-da-pos-verdade/>. Acesso em: 28 out. 2024.

desinformação. Nesse contexto, Habermas (1994, p. 84) destaca a importância dos contextos comunicacionais informais da esfera pública, enquanto Charaudeau (2022, p. 119) alerta para a suspeita de manipulação e desinformação pelos meios de comunicação. O ambiente digital, embora permita questionar narrativas convencionais e ampliar vozes marginalizadas, também favorece a disseminação de desinformação e polarizações ideológicas, ressaltando a necessidade de abordagens eficazes para mitigar esses efeitos.

A proliferação de conteúdo online nas redes sociais tem profundos impactos na formação da opinião pública global, ampliando a socialização da cultura e permitindo a expressão de vozes historicamente marginalizadas (Habermas, 1994). No entanto, essa expansão também favorece a disseminação de desinformação e o acirramento de polarizações ideológicas (Charaudeau, 2022). Essa dinâmica reflete a "cultura de massa" descrita por Hannah Arendt, onde a socialização que antes era exclusiva das classes altas agora se estende a todos os estratos sociais, tornando-se um fenômeno de massa (Arendt). Esse cenário problemático exige uma reflexão crítica sobre a qualidade da cultura e do pensamento crítico na era digital, destacando a necessidade de estratégias eficazes para combater a desinformação e promover a participação informada e responsável na esfera pública.

2 A FRAGMENTAÇÃO DA VERDADE NA ESFERA PÚBLICA DIGITAL

O "declínio da verdade" descrito pelo think tank Rand Corporation e explorado por Michiko Kakutani em "A morte da verdade na era Trump" (2018, p. 7) se manifesta na era pós-verdade, onde fake news e ciência falsa se tornam comuns. Exemplos incluem negacionistas das mudanças climáticas e anti-vaxxers, que recentemente negaram os efeitos letais da Covid-19. Essa distorção da realidade é alimentada pelas redes sociais e tecnologias da informação, que permitem a criação e disseminação de conteúdo falso. Como afirma Pariser (2009, p. 45), "quanto mais dados houver, mais sofisticados deverão ser os filtros para organizá-los". A personalização dos feeds e a polarização das opiniões criam "bolhas de opinião" que propagam realidades paralelas na esfera pública virtual por meio de feeds e hashtags enganosos, permitindo que indivíduos escolham sua própria verdade. É crucial refletir sobre o papel das redes sociais na disseminação de informações falsas e na formação de realidades paralelas, questionando até que ponto a difusão de notícias falsas e o avanço das tecnologias da informação permitem aos usuários criar e disseminar conteúdo falso livremente.

Embora haja algum precedente histórico para nossa situação atual—que examinaremos—seria errado tentar reduzir a pós-verdade a algo mais. Dizer que os fatos são menos importantes do que os sentimentos na formação de nossas crenças sobre questões empíricas parece novo, pelo menos na política americana. No passado, enfrentamos desafios sérios—até mesmo à noção de verdade em si—mas nunca antes esses desafios foram tão abertamente abraçados como uma estratégia para a subordinação política da realidade⁸.

No livro *"Post-Truth"* (2018) de Lee McIntyre aborda os desafios impostos pela era pós-verdade, onde apelos emocionais e crenças pessoais prevalecem sobre fatos objetivos. McIntyre explora como essa dinâmica compromete a sociedade contemporânea, analisando aspectos-chave como a negação da ciência, especialmente em debates sobre mudanças climáticas. Ele destaca que a rejeição da verdade científica é central na pós-verdade *"Pós-verdade é um termo que se refere a uma situação em que crenças emocionais ou pessoais têm mais influência na opinião pública do que fatos objetivos"*⁹.

O declínio da mídia tradicional e o surgimento das mídias sociais também são examinados, mostrando como essas plataformas facilitam a disseminação de desinformação e notícias falsas, criando "bolhas de informação" que reforçam crenças preexistentes. McIntyre ainda discute a relação entre pós-modernismo e pós-verdade, questionando se a desconfiança na verdade objetiva contribuiu para essa ascensão. Por fim, ele propõe estratégias para combater a pós-verdade, enfatizando a importância da educação crítica e da valorização da verdade na esfera pública. Essa análise reflete a preocupação do autor com a erosão da verdade e a necessidade de compreender as dinâmicas sociais e cognitivas que alimentam a pós-verdade *"A pós-verdade equivale a uma forma de supremacia ideológica, pela qual seus praticantes estão tentando compelir alguém a acreditar em algo, independentemente de haver boas evidências para isso ou não. E isso é uma receita para a dominação política"*¹⁰.

Nesse contexto, a verdade se torna cada vez mais distante, perdendo seu significado nesta nova esfera pública virtual. Como observa Hannah Arendt (2012, p. 51), essa transformação é reflexo da dissolução da esfera pública em esfera social, evidenciada na transição da propriedade imóvel para a propriedade móvel, onde a distinção entre propriedade e riqueza se torna cada vez mais tênue.

⁸ While there is some historical precedent for our current situation—which we will examine—it would be wrong to try to reduce post-truth to something else. To say that facts are less important than feelings in shaping our beliefs about empirical matters seems new, at least in American politics. In the past we have faced serious challenges—even to the notion of truth itself—but never before have such challenges been so openly embraced as a strategy for the political subordination of reality." (McIntyre, 2018, p.16, **tradução nossa**).

⁹ "Post-truth is a term that refers to a situation in which emotional or personal beliefs have more influence on public opinion than objective facts." (McIntyre, 2018, p.23, **tradução nossa**).

¹⁰ Ibidem, p.31(**tradução nossa**).

[...] a ascensão da sociedade trouxe consigo o declínio simultâneo das esferas pública e privada; mas o eclipse de um mundo público comum, fator tão crucial para a formação da massa solitária e tão perigoso na formação da mentalidade alienada do mundo [...] come- çou com a perda [...] da propriedade privada de um pedaço de terra neste mundo. (Arendt, 2012, 269).

Segundo Hannah Arendt, a ascensão da sociedade de massa e a perda da propriedade privada e do mundo público comum geram uma "massa solitária" e mentalidade alienada. A cultura de massa e o conteúdo online exacerbam esse declínio, fragmentando a opinião pública e polarizando ideologias. Arendt defende que o "mundo comum", construído pela obra humana, é fundamental para a pluralidade e a ação humana, permitindo conexões e reconhecimento mútuo. Como afirma em sua obra (Arendt, 2012, p. 2), "a ação [...] corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo". O mundo comum é um espaço de interação onde a individualidade é expressa e reconhecida, contribuindo para a construção da história e memória coletiva. No entanto, a socialização em massa, ampliada pelas redes sociais, compromete a privacidade e a esfera pública, criando uma distorção entre as percepções de público e privado, e colocando em risco a essência do mundo comum.

Em seu ensaio de 1969 *"A mentira na política"*, Hannah Arendt lança bases para compreender a relação imbricada entre a esfera pública, a esfera privada e a criação de narrativas como mecanismos de manipulação da opinião pública onde a relação da política e da verdade são de natureza dialógica, direcionando-a para a criação dos discursos de verdade e o "perigo da fragmentação da esfera pública associada ao mesmo tempo a uma esfera pública sem limites". (Habermas, 2022, p. 16).

A falsidade deliberada trata com fatos contingentes; ou seja, com coisas que não trazem em si nenhuma verdade inerente, nenhuma necessidade de ser como são. A veracidade dos fatos nunca é forçosamente verdadeira. Os historiadores sabem como é vulnerável a textura de fatos na qual passamos nossa vida cotidiana, está sempre em perigo de ser perfurada por mentiras comuns, a estraçalhada pela mentira organizada de grupos, classes ou nações, ser negada e distorcida, muitas vezes encoberta cuidadosamente por camadas de falsidade, ou ser simplesmente deixada cair no esquecimento (Arendt, 2015, p. 16).

A disseminação da pós-verdade, em especial no âmbito da esfera pública, onde esses fenômenos são potencializados através das avançadas ferramentas tecnológicas de informação presentes nas redes sociais. O aumento constante das notícias falsas adiciona complexidade a essa questão, ressaltando a emergência das redes sociais e mídias sociais como um novo terreno para o debate político e a influência na opinião pública "A própria estrutura da publicidade e da propaganda tende a diluir a seriedade do debate público, transformando-o em espetáculo." (Habermas, 2017. p. 221).

Este cenário contemporâneo movido pelos meios de comunicação de massa segundo Habermas (2017) leva a uma espécie de “*plataformização* da esfera pública” (Habermas, 2022, p.17), e representa não apenas um espaço de participação pública, mas também uma arena onde novas formas de interação entre as informações e o público se desenrolam, moldando assim as dinâmicas de participação dos sujeitos e a possibilidade de manipulação da percepção coletiva. A problemática em torno dessa discussão parte de uma pergunta simples com resposta complexa: onde está a verdade?

No livro "Network Propaganda" (Benkler; Faris; Roberts, 2018), os autores apresentam uma análise abrangente do ecossistema de mídia americano durante a eleição presidencial de 2016 e o primeiro ano do governo Trump. Eles demonstram como a desinformação e propaganda se propagam de forma assimétrica, destacando uma assimetria fundamental entre a mídia de direita (Fox News e Breitbart) e o resto do ecossistema midiático. Os autores argumentam que o problema da desinformação não é primariamente tecnológico, mas institucional e cultural, com raízes históricas na desregulamentação da mídia nos anos 1980. Embora o algoritmo do Facebook tenha contribuído para problemas de desinformação, os autores afirmam que a polarização assimétrica entre direita e esquerda foi mais significativa, como destacam: "*não há uma divisão esquerda-direita, mas sim uma divisão entre a direita e todo o resto do ecossistema de mídia*" (Benkler; Faris; Roberts, 2018, p. 73).

Na esfera do público, hoje embevecido pelas mídias sociais, a verdade é transfigurada incessantemente pelo poder político e econômico, sendo deformada e fragmentada do mundo onde quiçá chegue a época em que a esta seja varrida completamente e vivamos em filtros bolhas¹¹ virtuais de verdades personalizadas e subjetivas.

3 A ANTIESFERA PÚBLICA

¹¹ O código básico no seio da nova internet é bastante simples. A nova geração de filtros on-line examina aquilo de que aparentemente gostamos – as coisas que fazemos, ou as coisas das quais as pessoas parecidas conosco gostam – e tenta fazer extrapolações. São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. É claro que, em certa medida, costumamos consumir os produtos de mídia mais atraentes para os nossos interesses e *hobbies*, ignorando boa parte do resto (Pariser, 2009, p.11).

A ideia de "antiesfera pública" é inspirada no conceito de "anti"¹² de Gilles Deleuze, especialmente em sua obra "O Anti-Édipo", onde ele critica estruturas tradicionais que limitam a expressão e a criatividade do desejo humano “*o desejo produz intrinsecamente um imaginário que vem duplicar a realidade, como se houvesse “um objeto sonhado atrás de cada objeto real” ou uma produção mental atrás das produções reais* (Deleuze, 2010, p.42). Aplicando essa crítica ao contexto das redes sociais, a "anti-esfera pública" descreve como essas plataformas subvertem os ideais de esfera pública de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. Enquanto Arendt e Habermas veem a esfera pública como um espaço de deliberação racional e pluralidade, as redes sociais frequentemente promovem personalismo, polarização e dissenso, impulsionados por algoritmos que priorizam o engajamento em detrimento do debate construtivo. Assim, as redes sociais atuam como uma "anti-esfera pública" ao restringirem o potencial do discurso público e a ação política, desafiando os princípios de comunicação racional e inclusiva, ou ainda “(...) uma sociedade em rede, o poder é multidimensional e se organiza em torno de redes programadas em cada domínio da atividade humana, de acordo com os interesses e valores de atores habilitados” (Castells, 2017, p.10).

Com base nas definições de Habermas e Arendt, podemos observar como as redes sociais, enquanto novas arenas de interação desafiam essas concepções tradicionais da esfera pública. De acordo com Habermas, a esfera pública é um espaço de debate racional e crítico, onde os cidadãos podem discutir e formar a opinião pública de maneira livre e fundamentada. Ele define a esfera pública como "uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões" (Habermas, 1992, p. 360). Para ele, a esfera pública é um domínio de nossa vida social em que algo como a opinião pública pode se formar. Por sua vez, Hannah Arendt enfatiza a importância da esfera pública como um espaço de aparência, onde os indivíduos podem se revelar por meio de suas ações e discursos. Para ela, a esfera pública é "o espaço da aparência no mais amplo sentido da palavra, ou seja, o espaço onde eu apareço aos outros e os outros a mim" (Arendt, 2010, p. 198). A filósofa destaca a importância da pluralidade e do diálogo na esfera pública, valorizando a diversidade de perspectivas e a troca de ideias.

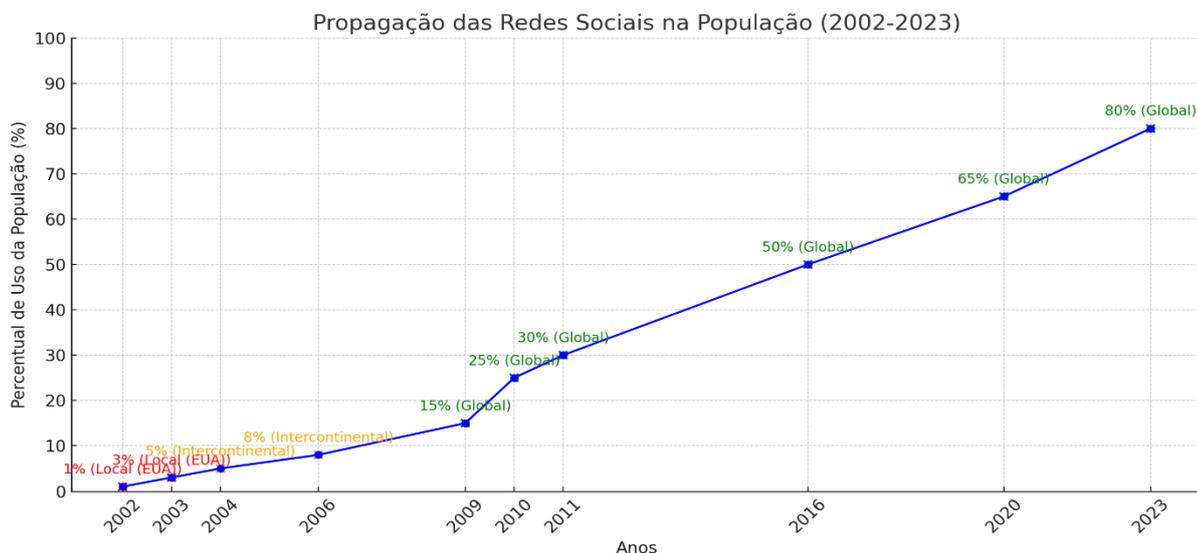
A pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos [...] vivemos na Terra e habitamos o mundo. Embora todos os aspectos da condição humana tenham alguma

¹² Ao integrar as ideias de Deleuze com as de Arendt e Habermas, pode-se argumentar que as redes sociais, ao invés de servirem como uma esfera pública ideal atuam como uma "antiesfera pública". Elas subvertem os princípios de deliberação racional e pluralidade ao priorizarem o personalismo, a manipulação algorítmica e a polarização (**GRIFO NOSSO**).

relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição - não apenas a conditio *sine qua non*, mas a conditio *per quam* - de toda vida política (Arendt, 2010,p.2).

Essas teorias encontram ressonância nos desafios contemporâneos, como a disseminação de fake news, que exemplificam a transformação da esfera pública em uma 'anti-esfera pública'. As redes sociais são espaços virtuais onde comunidades interagem em um ambiente digital que, no início, foi reservado para poucos. Com o tempo, o acesso à internet e às tecnologias de comunicação se expandiu, tornando-se mais democrático. Hoje, a internet é um espaço de trocas culturais e experiências imediatas, conectando pessoas de todo o mundo em segundos. Essas interações são tanto positivas quanto negativas, mas o fato é que a rede pode mudar as pessoas, rompendo barreiras de distância e tempo.

Nesse contexto, podemos perceber que o aumento, a difusão e o avanço das tecnologias da informação, convertidas em mídias digitais hiper-velozes da informação, quando mal utilizadas, vem auxiliando na criação e propagação de narrativas inverossímeis em busca de um consenso irracional. As chamadas “bolhas de opiniões” e os algoritmos de manipulação comercial e econômica criam realidades paralelas que *viralizam* nessa nova esfera pública, agora virtual, que através de seus *feeds* e *hashtags*, recebem centenas de milhares de visitantes boa parte do dia.



¹³ Conforme demonstrado pelo ChatGPT da OpenAI (2024), o gráfico mostra os principais marcos na história das redes sociais. Prompt de comando: **Definição e Evolução das Redes Sociais O que são redes sociais e como elas evoluíram ao longo dos anos? Faça no formato de gráfico (GRIFO NOSSO).**

Em "O papel das redes sociais na disseminação de notícias falsas", Bodó (2020) mostra que o número de usuários ativos de redes sociais no mundo cresceu de 1,96 bilhão em 2012 para 3,81 bilhões em 2020 e que o número de horas gastas com redes sociais por dia aumentou de 90 minutos em 2012 para 2 horas e 22 minutos em 2020. Suspeita-se que o crescente aumento do uso das redes sociais tem ajudado a ampliar a propagação das chamadas "fakes News" e da "pós-verdade"¹⁴, representadas na criação de culturas digitais de comportamento e engajamento de notícias e opiniões falsas, sem checar a origem ou veracidade dos fatos, assim a verdade torna-se cada vez mais distante e esmaecida nesta "Ágora digital" e o papel das tecnologias da informação que tinham a função de informar e aproximar pessoas, torna-se contrário a sua gênese globalista de reduzir a distância entre os povos e compartilhar o conhecimento e pelo mundo em sua propagando neoliberal de progresso. Ressalta-se, contudo, que esta é uma interpretação ingênua do surgimento e uso das redes.

Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede em que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão de constante mudança (Castells, 2017, p.21).

A comunicação é um processo essencial para o compartilhamento de significados e troca de informações. Conforme destacado por Castells (2017), a produção social de significado é predominantemente mediada pela comunicação socializada, que se manifesta no domínio público e transcende a comunicação interpessoal. Com os avanços tecnológicos da era digital, os meios de comunicação ampliaram seu alcance, permeando todos os aspectos da vida social. Essa realidade evidencia como a comunicação, impulsionada pela tecnologia, remodelou continuamente as interações sociais e a disseminação de informações, ressaltando a importância de compreendermos seu impacto na construção da sociedade contemporânea.

Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é

¹⁴ Post-truth is the political circumstance in which public debates are based not on facts, but on appeals to emotion and personal beliefs. In this scenario, assertive claims are repeatedly made in the absence of factual evidence, lending them an impression of authority and contributing to the political aims of those who make them. The problem is not necessarily that the statements are outright false, but that they are made without a genuine commitment to the truth. *A pós-verdade é a circunstância política na qual os debates públicos são baseados não nos fatos, mas em apelos à emoção e crenças pessoais. Neste cenário, afirmações assertivas são repetidamente feitas na ausência de evidências factuais, dando a elas uma impressão de autoridade e contribuindo para os objetivos políticos daqueles que as fazem. O problema não é que as declarações sejam necessariamente falsas, mas que elas são feitas sem um comprometimento genuíno com a verdade.*; Tradução livre (Mcintyre, 2018, p.3)

basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida (Castells, 2017, p. 12).

A anti-esfera pública subverte os princípios da esfera pública habermasiana, substituindo o debate racional e crítico por disseminação de informações falsas, polarização e ausência de diálogo. Em vez de formar opinião pública fundamentada, a anti-esfera pública promove desinformação e erosão da verdade, minando bases do debate público e democrático. Essa configuração nega pluralidade de vozes e diálogo autêntico, favorecendo visões polarizadas e narrativas unilaterais, reforçadas pelos filtros bolhas personalistas da Big Data. Contrapondo-se à ideia de Arendt de espaço de aparência e revelação, a antiesfera pública se torna ambiente de ocultação e desinformação, distorcendo a verdade e suprimindo diferentes perspectivas.

A democracia está em perigo onde quer que cidadãos interajam com robôs de opinião, se deixando manipular por eles (...) Na campanha eleitoral como guerra de informação, não são os melhores argumentos que prevalecem, mas algoritmos inteligentes. Nessa infocracia, nessa guerra de informação, não há lugar para o discurso. (Han, 2022, pp.42 e 43).

Portanto, tanto sob a ótica habermasiana quanto arendtiana, a antiesfera pública surge como uma antítese da esfera pública ideal, na qual a verdade é suplantada pela desinformação, o diálogo é substituído pela polarização radical, e a pluralidade cede espaço para narrativas unilaterais e distorcidas. Os usuários que constituem essa esfera pública, como palco democrático de suas expressividades, utilizam a comunicação política no sentido de participação e expressão aberta de opiniões. Nessa perspectiva, as redes sociais emergem como espaços de integração política em busca de consenso. Segundo Habermas (2012), elas contemplam três aspectos das funções comunicativas: I – função de reprodução cultural; II - função de integração social; III - interpretação da função cultural das necessidades. Portanto, os mecanismos que compõem as mídias sociais enquanto ferramentas de informação são interativos, e essas interações discursivas buscam um consenso (*Verständigung*) que confere validade sobre o mundo, denominado verdade factual.

ESFERA PÚBLICA	ANTI-ESFERA PÚBLICA NAS REDES SOCIAIS
Hannah Arendt: A esfera pública, para Arendt, é o espaço onde os indivíduos se reúnem para discutir e deliberar sobre assuntos de interesse comum, promovendo a ação política e a troca de ideias. É um espaço de visibilidade e pluralidade.	Personalismo: As redes sociais frequentemente promovem o personalismo, onde a expressão individual e a construção de identidade pessoal se sobrepõem ao discurso coletivo e ao interesse comum.
Jürgen Habermas: Habermas concebe a esfera pública como um espaço de comunicação racional, onde o discurso é orientado para o entendimento e o	Algoritmos: Os algoritmos das redes sociais priorizam conteúdos que maximizam o engajamento, muitas vezes promovendo polarização e reforçando

consenso. Ele enfatiza a importância do debate livre de coerções, onde argumentos são avaliados pela sua força racional.	bolhas de informação, em vez de facilitar o debate racional e inclusivo.
	Polarização e Dissenso: Em vez de promover o consenso através do discurso racional, as redes sociais frequentemente amplificam o dissenso e a polarização, criando divisões mais profundas na sociedade.

Para Hannah Arendt, a relação de compartilhamento do mundo comum, que se dissemina nos discursos de verdade, nunca foi amistosa. Atualmente, o alargamento entre os fatos e a veracidade deles se distancia mutuamente. A pensadora alemã nos remete à espécie de realidade que a verdade possui e aos perigos que a verdade enfrenta na esfera política. A relação entre a política, o poder e a verdade, questionando as tensões intrínsecas entre esses elementos fundadores da política “O que empresta a esse lugar-comum sua grande plausibilidade pode ainda ser resumido no velho adágio latino “*Fiat iustitia, et pereat mundus*” (“Faça-se justiça, embora pereça o mundo”)¹⁵. Historicamente, a mentira tem sido vista como uma ferramenta justificável para políticos e estadistas, considerada muitas vezes necessária para a manutenção do poder ou para atingir fins que, sob outra perspectiva, poderiam ser vistos como benéficos para o coletivo. A questão aqui é: se a política se sustenta por meio da manipulação e da perda da verdade, o que isso revela sobre a natureza do poder.

O conflito platônico entre o que conta a verdade e os cidadãos não pode ser explicado pelo adágio latino ou por qualquer das subsequentes teorias que, implícita ou explicitamente, justificam a mentira, entre outras transgressões, quando está em jogo a sobrevivência da cidade. Não se menciona nenhum inimigo na estória de Platão; o povo vive pacificamente na caverna sem outra companhia, meros espectadores de imagens, sem estarem envolvidos em nenhuma ação e, portanto, ameaçados por ninguém (Arendt, 2016, p.168).

Em síntese, Habermas, Arendt e Castells oferecem perspectivas complementares para analisar a esfera pública e as redes sociais no contexto contemporâneo. Habermas destaca a importância da ética discursiva e do agir comunicativo na busca por consensos e validade dos discursos na esfera pública. Arendt, por sua vez, ressalta a relação entre verdade e política, abordando os desafios do compartilhamento do mundo comum e a complexa relação entre fatos e veracidade no âmbito político. Castells contribui com a análise da sociedade em rede e do papel das tecnologias da informação, ilustrando como essas transformações redefinem o espaço público e as interações sociais.

As redes sociais surgem como uma ágora virtual, proporcionando oportunidades e desafios para a participação política e formação da opinião pública. Embora se alinhem com a

¹⁵ Arendt, 2007, p.254.

visão habermasiana de esfera pública aberta e acessível para debate social, orientado para entendimento mútuo e consenso, as redes sociais enfrentam desafios que contestam essa concepção racional e democrática. A disseminação de fake news e a prevalência da pós-verdade, onde fatos objetivos cedem lugar a apelos emocionais e crenças pessoais, subvertem a noção de discurso público fundamentado na razão e verdade. Assim, as redes sociais se tornam um espaço complexo, onde indivíduos e comunidades se expressam e compartilham ideias, mas também enfrentam desafios para construir um discurso político e opinião pública baseados em argumentos racionais e verdadeiros.

À medida que simplificam a comunicação linguística e a substituem por uma generalização simbólica de prejuízos e ressarcimentos, o contexto do mundo da vida, em que os processos de entendimento estão inseridos, é desvalorizado em benefício de interações controladas por meios, e, como consequência, a coordenação das ações não necessita mais do mundo da vida (Habermas, 2012. v. 2. p. 331).

A racionalização do mundo da vida, descreve a transformação das sociedades tradicionais em direção a uma compreensão mais complexa e reflexiva, caracterizada inicialmente por uma estrutura homogênea governada por uma verdade fundamentada no sagrado, seguindo a máxima ainda imprescindível do “tu deves”. No entanto, com o surgimento de conflitos e questionamentos, a racionalidade começou a se manifestar, diluindo o sagrado (*o mito*) e o incompreensível em formas de linguagem. Nesse contexto, Habermas identifica três pontos-chave para a racionalização do mundo da vida: diferenciação estrutural, separação entre forma e conteúdo e flexibilização da reprodução simbólica. Contudo, no contexto das redes sociais, observamos um fenômeno paradoxal, onde apesar da busca por entendimento mútuo, o discurso se torna frequentemente confuso e dúbio, não se fundamentando na razão ou verdade – trazendo de volta o retorno do mito -, mas sim na fragmentação da informação, polarização ideológica, manipulação da linguagem e falta de contextualização. Isso obstaculiza a racionalização do mundo da vida nas redes sociais, levando à desconstrução da verdade objetiva, privilégio da opinião sobre o fato e erosão da confiança na comunicação, exigindo uma reflexão crítica sobre a linguagem, a comunicação e a busca por entendimento mútuo.

O século XX deixou como herança um sistema de instituições baseadas em regras e em evolução gradual; e uma hierarquia de conhecimento e autoridade, em que entidades representativas interagem com o estado de acordo com protocolos comprovados. Hoje essa estrutura está sendo desafiada por uma malha de redes vinculadas não por laços institucionais, mas pelo poder viral da mídia social, do ciberespaço e dos sites, que se deleitam em sua repugnância em relação à grande mídia (D’ancona, 2018, p. 63).

Apesar de fragilizado a busca pela verdade e o consenso racional permanecem como ideias democráticas de uma sociedade que ainda guarda resquícios de um contrato social envelhecido pelo tempo, e de valores humanitários que sobrevivem em formas lúdicas de expressão seja elas atuais ou atemporais. A luta de novos valores, e moralismos caducos encontra sua arena perfeita a partir de prognósticos revisionistas de senhores que perderam sua influência, mas que mantem o seu poder. Moedas enferrujadas como humanismo, socialismo e globalismo sobrevivem a partir de ideais de grupos minoritários que apesar de serem menos influentes utilizam esse mesmo espaço de divisão para dar lugar a sua voz, fazendo com que a esfera pública volte a funcionar deixando de lado seu caráter antinômico “ a esfera pública política está enraizada na sociedade civil.

Por outro lado, Arendt enfatizava a importância do espaço público para a ação e o discurso políticos, nos quais a pluralidade e a visibilidade são essenciais para a vida democrática. Embora as redes sociais possam facilitar a visibilidade e a pluralidade, elas muitas vezes se tornam palcos para a manipulação e a erosão do espaço público autêntico, onde a performance e a imagem suplantam o diálogo genuíno e a ação política. Nesse contexto, autores contemporâneos como Nancy Fraser e Zizi Papacharissi têm se dedicado a expandir e adaptar os conceitos de esfera pública ao cenário das redes sociais. Fraser, em "*Rethinking the Public Sphere*" (1990), discute a ideia de "contraesferas públicas", onde grupos subalternos criam seus próprios espaços de discussão. Já Papacharissi, em "*A Private Sphere*" (2010), explora como as redes sociais moldam um novo espaço público que é simultaneamente pessoal e político.

Esses autores apontam para a complexidade das redes sociais como esferas públicas contemporâneas, onde a democratização da voz e a participação coexistem com a fragmentação do discurso e a polarização. Portanto, enquanto representam uma nova forma de esfera pública, as redes sociais também podem ser vistas como uma "anti-esfera pública", na qual as condições para um discurso público saudável e democrático são frequentemente minadas pela desinformação e pela dinâmica da pós-verdade. Essa tensão entre as redes sociais como espaços plurais de expressão e como ambientes propícios à desinformação e à polarização evidencia a necessidade de uma análise crítica sobre os desafios e potencialidades dessas plataformas para a construção de uma esfera pública verdadeiramente democrática e embasada no debate racional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações teóricas e dos exemplos práticos discutidos, é evidente que as redes sociais apresentam tanto oportunidades quanto desafios para a esfera pública. A análise das redes sociais sob a ótica de Habermas e Arendt revela desafios significativos para a esfera pública digital, marcada pela disseminação de fake news, polarização ideológica e erosão da verdade. A velocidade da informação e a cultura do compartilhamento nas plataformas digitais comprometem a formação da opinião pública, minando a confiança na informação.

Essa dinâmica dá origem à "anti-esfera pública", um espaço que distorce o ideal de esfera pública de Arendt, substituindo pluralidade, diálogo e visibilidade por desinformação, polarização e manipulação. A "anti-esfera pública" surge como um espelho invertido da antiga esfera pública, onde a razão e a verdade são sacrificadas em favor da viralidade e da influência.

Nesse contexto, as notícias falsas criam uma visão desfigurada da realidade, baseada em ideologias e perspectivas de mundo que desagradam quem as recebe. A negação dos fatos se torna um obstáculo para a felicidade, pois a realidade não concorda com as intenções ou aspirações individuais. Os indivíduos, tocados por sussurros, assumem um posicionamento de defensores e propagadores dessas notícias, fragmentando a esfera pública.

A esfera pública se torna o palco da trama entre o subjetivo e a objetividade, onde o contrato social é rasurado e invalidado pelo personalismo e individualismo neoliberal dos algoritmos e filtros bolhas computadas pelo "Big Brother" digital. O mundo vital, como preconizava Habermas, é invadido por esse novo sistema, um programa de desconexão distópica onde o consenso de discursos racionais perde validade para a pós-verdade.

Já a análise de Arendt sobre o espaço público destaca a importância da pluralidade, do diálogo e da visibilidade na esfera pública ideal. A "anti-esfera pública" nas redes sociais representa uma antítese da esfera pública idealizada por Arendt, onde a verdade é distorcida e as diferentes perspectivas são suprimidas.

A desinformação nas redes sociais é um problema fundamentalmente institucional e cultural, não apenas tecnológico. Estudos demonstram que a assimetria informativa tem raízes históricas na desregulamentação da mídia nos anos 1980, permitindo o surgimento de um modelo de negócios baseado em conteúdo ideologicamente alinhado. Pesquisas de Benkler, Faris e Roberts (2018) revelam que a polarização assimétrica entre direita e esquerda no ecossistema midiático americano é mais significativa do que aspectos tecnológicos, como algoritmos. As redes sociais transformaram a esfera pública em uma anti-esfera pública, subvertendo os princípios fundamentais da democracia e do debate racional. A partir das

ideias de Habermas e Arendt, discutimos como as redes sociais criam um ambiente de desinformação, polarização e ausência de diálogo genuíno.

A antiesfera pública é caracterizada pela disseminação de informações falsas, prevalência da pós-verdade e supressão de diferentes perspectivas. Além disso, as redes sociais permitem que indivíduos e comunidades se expressem, mas também enfrentam desafios para construir um discurso político e opinião pública baseados em argumentos racionais e verdadeiros.

Portanto, soluções técnicas, como ajustes nos algoritmos, são insuficientes sem abordar questões estruturais mais amplas. É necessário considerar reformas abrangentes que incluam:

- Maior transparência nas plataformas
- Regulação de propaganda política
- Fortalecimento do jornalismo profissional.

Essa abordagem integral é essencial para combater a desinformação e reconstruir uma esfera pública digital mais democrática e inclusiva, como defendem Habermas e Arendt. A "antiesfera pública" nas redes sociais pode ser mitigada com uma reflexão crítica sobre o papel das plataformas digitais na sociedade contemporânea e a implementação de estratégias que promovam a qualidade do debate público e a formação da opinião pública fundamentada na razão e na verdade.

É essencial promover educação midiática, verificação de fatos e pensamento crítico para enfrentar a desinformação e reconstruir uma esfera pública digital mais democrática e inclusiva. Em síntese, as redes sociais desempenham um papel crucial na formação da opinião pública e na erosão da verdade. A transformação da esfera pública em uma antiesfera pública pelas redes sociais é um desafio significativo para a democracia contemporânea. É fundamental reconhecer que as redes sociais não são apenas plataformas de comunicação, mas também espaços de poder e influência que moldam a opinião pública e o discurso político.

Para reverter essa tendência, é necessário desenvolver estratégias para promover a criticalidade, o diálogo e a pluralidade nas redes sociais. Isso inclui a implementação de políticas de verificação de fatos, regulamentação da publicidade política e incentivo à diversidade de vozes e perspectivas. Portanto, é fundamental adotar estratégias para combater a desinformação e promover uma esfera pública digital mais responsável e inclusiva, garantindo a qualidade do debate público e a formação da opinião pública fundamentada na razão e na verdade.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbos. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARENDT, Hannah. **O que é política?**. Tradução de Reinaldo Guarany. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARENDT, Hannah. **Pensar sem corrimão: compreender 1953-1975**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. **Network propaganda: manipulation, disinformation, and radicalization in american politics**. New York: Oxford University Press, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2017.

D'ANCONA, Matthew. **Post-Truth**. London: Ebury Press, 2018.

DELEUZE, Gilles. **O anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

FRASER, Nancy. **Rethinking the Public Sphere**. Social Text, Durham, n. 25/26, p. 56-80, 1990.

GONÇALVES, G.L.; VILLA BÔAS Filho, O. **Teoria dos sistemas sociais**. São Paulo: Saraiva, 2013.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo, UNESP 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria da ação comunicativa**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HABERMAS, Jürgen. **Uma nova mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

HABERMAS, Jürgen. **Verdade e justificação**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- IRVIN, Larry. **The Matrix**. Warner Bros, 2005. (Filme)
- JAEGER, Werner. **Paideia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- KAKUTANI, Michiko. **The Death of Truth**. **New York**: Tim Duggan Books, 2018.
- LUHMANN, N. **Social System**. Stanford: Stanford University Press, 1995.
- MCINTYRE, Lee. **Post-Truth**. Cambridge: The MIT Press, 2018.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PAPACHARISSI, Zizi. **A private sphere**. Cambridge: Polity, 2010.
- PARISER, Eli. **O filtro invisível**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PARISER, Eli. **The Filter Bubble**. New York: Penguin Press, 2009.
- REESE-SCHÄFER, Walter. **Compreender Habermas**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SCHAFFER, Frederic Charles. **Elucidating Social Science Concepts**. New York: Routledge, 2017.
- SUN, Tao; XIE, Wen. The Spread of Misinformation on Social Media. **Journal of Information Technology**, 2024.
- SUN, Yanqing; XIE, Juan. **Who shares misinformation on social media?** Computers in Human Behavior, v. 158, p. 108271, 2024.